

Homens urbanos, homens rurais: a masculinidade nos romances de Assis Brasil

Urban men , rural men: masculinities in the novels of Assis Brasil

Priscila de Moura Souza

Doutoranda em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista FAPERJ. Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí. Membro do grupo de pesquisa História, Poder e Ideias Políticas-GPHPIP.
E-mail: cyla_moura@hotmail.com

Resumo: Este artigo analisa os romances *Beira rio beira vida* (1965), *A filha do Meio-Quilo* (1966), *O salto do cavalo cobridor* (1968) e *Pacamão* (1969) de Francisco de Assis Almeida Brasil (Assis Brasil), e apresenta as práticas masculinas e as masculinidades a partir das singularidades dos romances. O literato apresenta os agregados das fazendas, os homens da cidade, cultos, civilizados, homens fortes, viris. No cais, os vareiros, canoieiros, barqueiros, taifeiros, carregadores, embarcadiços. Ressalta aspectos da masculinidade pelos códigos de cada espaço e de cada ofício com suas respectivas características, delineando masculinidades diferentes. Apresenta um conjunto de práticas que regeram o agir, os espaços, o vestir e o portar-se na cidade de Parnaíba, Piauí, nas décadas de 1930 e 1940.

Palavras-chave: Francisco de Assis Almeida Brasil (Assis Brasil). Parnaíba. História. Literatura.

Abstract: This article analyzes the novels *Beira rio beira vida* (1965), *A filha do Meio-Quilo* (1966), *O salto do cavalo cobridor* (1968) and *Pacamão* (1969) by Francisco de Assis Almeida Brasil (Assis Brasil), and it presents masculine practices based on the singularities of the novels. The literary presents the farm workers, the city men, cultured, civilized, strong, virile men. On the wharf, seafarers, canoeists, boatmen, stewards, porters, etc. It highlights aspects of masculinity by the codes of each space and each job with their respective characteristics, outlining different masculinities. It presents a set of practices that governed the acting, placement, dressing and behaving in the city of Parnaíba, Piauí in the 1930s and 1940s.

Keywords: Francisco de Assis Almeida Brasil (Assis Brasil). Parnaíba. History. Literature

Francisco de Assis Almeida Brasil nasceu em Parnaíba, em 18 de fevereiro de 1932. Mudou-se com a família para Fortaleza, onde estudou parte do ginásio e o curso científico em regime de internato no Colégio São João. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em outubro de 1949, local em que atuou como jornalista, professor, romancista, crítico e ensaísta. Colaborou em vários jornais cariocas, entre eles, *Jornal do Brasil*, *Diário de Notícias*, *Correio da manhã*, *O*

Globo, Tribuna da Imprensa. Com a vida dedicada à literatura, *o operário da palavra* (SANTOS, 1989: 5) recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras em 2004 pelo conjunto da sua obra. Tornou-se admirado principalmente pelos romances *Beira rio beira vida*, *A filha do Meio-Quilo*, *O salto do cavalo cobridor* e *Pacamão* ambientados em Parnaíba das décadas de 1930 e 1940.

Ao abordar as masculinidades, Assis Brasil se debruça sobre o cotidiano¹ do homem parnaibano, em suas múltiplas possibilidades. As práticas escriturísticas² do literato acerca das masculinidades percorrem os dilemas, as errâncias do ser homem em Parnaíba, descritas de uma dimensão subjetiva. Assis Brasil apresenta valores como a masculinidade pelo viés da educação, da virilidade, da violência, da obrigação masculina de ascensão social e voz de decisão dentro do lar. Tudo isso traduzido e apresentado a partir dos personagens.

Práticas masculinas que se fundamentam no espaço, nas disputas internas, simbólicas e como cada espaço afeta a construção da masculinidade, reafirmando ou negando códigos preexistentes. Partindo disso, a análise torna-se pertinente, tendo em vista que a literatura “é um instrumento através do qual os mal ajustados desafiam o estabelecido, em virtude disto, permite avaliar as forças e tensões existentes em uma estrutura social” (SEVCENKO, 2003:282). Segundo Sevcenko, a criação literária é uma fonte excepcional para a avaliação das condições e efeitos peculiares ao cruzamento entre história e literatura, “a produção literária é, ela mesma como um processo, homólogo ao processo histórico, seguindo, defrontando ou negando-o, porém referindo-o sempre na sua faixa de encaminhamento próprio.” (SEVCENKO, 2003: 298-299)

O escritor, gozando de uma liberdade condicionada de criação, revela normas, valores e temas de sua sociedade e de seu tempo. Isto porque os “fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir” (SEVCENKO, 2003: 286)

Práticas masculinas e masculinidades são abordadas pelo literato que, ao apresentar a cidade de Parnaíba e o processo de modernização, evidencia diferentes espaços e códigos de conduta. Os quatro romances trazem personagens masculinos e as formas plurais de masculinidade. Nesse sentido, a Literatura, assim como a narrativa histórica, é um discurso revelador e (re)criador da realidade. A literatura é analisada aqui “como fonte, e não apenas como uma ilustração do contexto em estudo” (PESAVENTO, 2005: 113).

Assis Brasil escreve os romances na década de 1960, produzidos, portanto, antes da década de 1990, conhecida como a década em que houve aumento de estudos sobre homens e, conseqüentemente, sobre a masculinidade. O literato, através da sua obra ficcional, dedicou-se a explorar masculinidades, apresentando-as de forma plural. A masculinidade é entendida

1. De acordo com Maria Izilda Santos de Matos, “cotidiano é entendido como o universo de tensões e movimento em que se multiplicam formas peculiares de resistência e luta, de integração e diferenciação, e de permanência e transformação. Não é excluída a possibilidade de mudança, esta é vivenciada de diferentes formas”. (MATOS, 2002).

2. A ideia de prática escriturística é utilizada no sentido com o qual opera Michel de Certeau, “consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade” e, com o poder transformador da escrita, modificar a realidade. (CERTEAU, 1994: 225).

como uma “construção social e que nos mais variados contextos históricos e culturais ela é percebida e vivenciada de forma diferenciada” (MACHADO, 2007: 29-30), bem como algo plural, pois “existem várias formas de ser homem e de modelos possíveis que buscam se adequar às condições de uma cidade”. (SOUZA, 2018, p.94.)

Nessa perspectiva, os quatro romances de Assis Brasil sobre Parnaíba evidenciam o homem na cidade e no campo. Uma multiplicidade de formas de ser homem nesses espaços. Na cidade, o coronel que dita ordens, que não se submete a ninguém, o filho do coronel sob as ordens e modelo de masculinidade do pai, o empregado da casa e o morador do cais que almejam ascender socialmente. No campo, o agregado da fazenda, o caixeiro-viajante que circula bem em todos os espaços.

Neste sentido, interessa-nos particularmente o confronto entre essas masculinidades. A investigação acerca das semelhanças e diferenças entre os homens de cada romance, ambientados em espaços diferentes na cidade, objetiva entender como se dá esse contraste de comparação e enfrentamento. A literatura, neste sentido, ajuda-nos a compreender os possíveis, que “alude essencialmente ao virtual, ao potencial, a um repertório de possibilidades dadas pela história.”(QUEIROZ, 2006: 81)

Iniciamos a análise com o romance *Pacamão*, que permite observar as relações de gênero relativas ao homem urbano no que concerne às práticas masculinas e às masculinidades. O literato, através de uma crítica à sociedade abastada de Parnaíba, apresenta o lugar do homem da cidade, as diferenças entre ele e o funcionário da família e, sobretudo, as fronteiras. Assis Brasil responde a esses dilemas através dos fracassos e angústias do personagem Darcy, seu amigo Gervásio (*Pacamão*) é quem observa e narra. É possível identificar no enredo de *Pacamão* as influências das relações familiares e da educação na composição da masculinidade, a valorização do jovem viajado, educado, pertencente a uma família de tradição.

O romance possui uma narrativa não linear, com Gervásio, já velho, contando suas aventuras com Darcy Mavignier. Relembrando fatos passados e exaltando como o amigo era diferente por não tratá-lo com preconceito ou desprezo. A história inicia com uma caminhada dos personagens do escritório de Bento Mavignier, pai de Darcy, ao jogo de futebol. Através das recordações, Gervásio apresenta a família Mavignier e o que ele significava para a mesma:

O que terá levado Darcy, ainda menino, a não me chamar pelo meu apelido, debochado em toda a cidade? O que teria sido? Gervásio, Gervásio, Gervásio pra cá, Gervásio pra lá, pronuncia meu nome sempre com respeito, enquanto os outros – o passado repercute ainda – a mãe, a irmã, a tia, o pai, a avó, o resto da família, não dispensava aquele Pacamão de desdém [...] Darcy, já viu o Pacamão? É o novo enfeite de casa que mamãe arranjou. (ASSIS BRASIL, 1969: 13)

Assis Brasil aborda com bastante ênfase a desigualdade social, a partir dos personagens, ressalta os limites estabelecidos de convivência, ao mesmo tempo que representa como aquela família agenciava meios de se destacar socialmente. Neste sentido, a presença de Gervásio, limpando os azulejos da fachada da casa, revelava uma família de posses, tanto pelos azulejos,

quanto pelo funcionário.

Outro aspecto importante a ser analisado é a distinção da masculinidade entre os que tinham a oportunidade de estudar e aqueles que não possuíam tal oportunidade. Sobre a construção social da masculinidade e a distinção de acesso a educação, Castelo Branco assevera que a relação com a escola acentuava diferenças entre os gêneros, onde a preocupação paterna quanto ao aprendizado das letras era dispensado com maior intensidade para os meninos do que para as meninas, já “a grande massa das crianças, provenientes das camadas populares, continuavam enredadas em um ciclo de não escolarização e de baixos níveis de renda” (CASTELO BRANCO, 2008:82)

Gervásio representa o menino pobre, com poucas oportunidades, que conseguiu, com os esforços de Darcy, frequentar a escola. Assim, sobre a importância da educação para a elite parnaibana e a distinção das masculinidades Gervásio relata:

Darcy olha o Instituto São Luís e não quer recordar, mas sabe que é responsável pela minha instrução, desde o grupo de Dona Olinda. ‘Se eu estudo, por que Gervásio não vai estudar também?’. A mãe ainda resmungou que era um simples empregado, estava na casa dela para trabalhar e não para ser educado, onde já se tinha visto? Um empregado estudando ao lado do filho do patrão. Só coisas de Darcy mesmo, um menino sem juízo. ‘Dona Raimunda, a senhora já viu essa? Seu neto aí enfeitado de humanitário, de... de...sei lá o quê’. ‘Só continuo a estudar se Gervásio estudar’, disse Darcy decidido. [...] Falou como um homem ao pai: ‘O senhor me disse que a coisa mais triste do mundo é um homem analfabeto. Por que quer consentir que Gervásio cresça assim? Sem instrução?’. (ASSIS BRASIL, 1969: 19)

O romance traz a importância da educação na formação dos homens e a existência de um sistema educacional que não atendia a todas as camadas sociais. Por exemplo, o Instituto São Luís Gonzaga, escola particular criada em 1937, atendia somente ao sexo masculino e era voltada para as famílias abastadas. Em paralelo, havia o colégio Nossa Senhora das Graças instalado em 1907, no âmbito da educação feminina. No entanto, interessam as determinações da educação masculina como uma prática recorrente em Parnaíba.

Gervásio conseguiu acesso a escola com a ajuda da família Mavignier, cursou o primário, mas não seguiria para o curso superior. Quem custearia as despesas de um jovem pobre? As primeiras letras se faziam em Parnaíba, mas o curso superior exigia o deslocamento para outro estado, prática que sinalizava distinção social, bem como representava o lugar do jovem de família abastada, *onde se tornaria homem*, com responsabilidades. Assis Brasil sinalizou isso através do personagem de Bento:

‘Ele [Darcy] vai estudar no Rio. Longe da gente, Bento? Sacudo ele lá e ele tem que virar homem. [...] Não sei como não tive a ideia antes. Aqui em Parnaíba toda família que se preza tem um filho estudando fora. Você não viu o filho do Clark, mulher?’. Dona Zuleica se acalmou com aquela perspectiva de aparecer mais uma vez como esposa de um homem rico, importante, que tinha um filho estudando fora. (ASSIS BRASIL, 1969: 16)

Já o personagem Darcy, não correspondia ao perfil do jovem de uma família tradicional que a cidade e sua família haviam desenhado para ele. Ao descrever o personagem, Assis Brasil enfatiza a frequência de Darcy nos cabarés do cais, fugindo da frustração, das cobranças, sempre muito bêbado, sem camisa, agarrado a uma rapariga. Jovem, sem apego algum às coisas e à família, em específico à figura da mãe, não correspondia aos anseios da família, não se tornaria um comerciante. Seu Bento temia que o filho acabasse “atrás de um balcão qualquer e casando com uma rapariga da Coroa” (ASSIS BRASIL, 1969: 16). O literato ressalta que a prática de estudar fora transformava o jovem em homem perante a sociedade e agregava status ao rapaz e a sua família, ajudaria na realização de um bom casamento e em maiores oportunidades na cidade.

Bento Mavignier se revelava um homem tradicional, que teve que sair da sua cidade para estudar, pois não possuía muitas opções de escolha, assim como estava proporcionando para o filho. Ele foi sem choramingar e *tornou-se homem*. Traçou então o destino de Darcy. Gervásio permaneceu trabalhando para a família Mavignier. Este era um jovem de família menos favorecida financeiramente, valorizava a importância do trabalho como meio de conduzir sua vida desde sua infância em Parnaíba.

Assim, Gervásio exercia sua masculinidade com outras qualificações que o legitimavam no contexto social em que estava inserido como, por exemplo, o trabalho que exercia desde a infância. Outra forma de legitimar a masculinidade descrita por Assis Brasil era o casamento. No casamento, Darcy frustrou-se novamente. Enquanto estava no Rio de Janeiro, seguindo carreira na Academia Militar, era noivo de Clotilde, uma moça rica e elegante. Clotilde seria uma extensão do que havia sido a família de Darcy nos tempos da carnaúba. Ele indaga:

Que aconteceria se tivesse me casado com Clotilde? Talvez aceitasse essas mesmas imposições, como aceito a inexistência de imposições hoje em minha casa. Clotilde depois que viu minha família, achou que eu não era do seu meio, embora admirasse nossa casa – gostava de dizer: ‘Seu palacete é lindo, é lindo, recorda uma época mais nobre’ – a beleza dos móveis, aquelas cortinas de veludo que meu pai mandara buscar na França. (ASSIS BRASIL, 1969: 24)

Depois que retornou ao Rio de Janeiro, o noivado durou até a expulsão de Darcy da Academia Militar. Ele voltou sozinho para Parnaíba, e solteiro. Havia sido reprovado nos testes de masculinidade impostos pela sociedade parnaibana e pelo seu pai, Bento. Então veio o casamento com Susana, pois ela “queria se casar e eu era o primo mais disponível e mais audacioso para lhe pedir que se casasse comigo antes de qualquer namoro” (ASSIS BRASIL, 1969: 23). Darcy correspondeu ao amor da prima, e o casamento se deu na família, evitando que o mesmo voltasse às farras no cais, na esperança de povoar o casarão novamente.

A situação da sua família agravava-se cada vez mais. Seu Bento começou a vender fazendas. A primeira delas foi Gameleira, “era um pedaço de terra pobre e seco, os bois magros, um pequeno açude perto da casa e nada mais”. (ASSIS BRASIL, 1969: 25)

Recordar essas fazendas também era o prazer de Zuleica, mãe de Darcy, tempo em que o marido tinha duas fazendas produzindo cera de carnaúba para os navios estrangeiros levarem.

Sua grande satisfação era “conservar os azulejos da frente do palacete, a única casa de Parnaíba enfeitada assim” (ASSIS BRASIL, 1969: 26). No palacete, moravam Zuleica e Bento, seus filhos Darcy e Nazinha, a avó de Darcy, Dona Raimunda, a irmã de seu pai, Dona Elza, e a velha Pepeta, que criara todos eles. Darcy sentiu muito a sucessão de mortes, enquanto Gervásio encarava de uma maneira mais natural:

Sua irmã Nazinha se apaixonou por Leandro, um jovem pobre e funcionário dos Correios. Ao saber do relacionamento de sua filha com um rapaz pobre, Bento contratou um pistoleiro para matar o jovem. Porém o pistoleiro resolveu dar uma chance de vida ao rapaz e o mandou fugir. Ao saber da suposta morte de Leandro, Nazinha trancou-se no quarto, para em seguida ser colocada no barracão onde dormia Pepeta, a velha empregada da casa, após a família descobrir sua gravidez. A jovem sofreu o preconceito de sua família, perdeu o filho e terminou morrendo por falta de cuidados médicos, já que a família não queria que a sociedade descobrisse o que se passava dentro de sua residência.

O personagem Bento representa o poder e a autoridade que se sobrepunham à Igreja, ao sistema judiciário, ao saber médico, dentre outras instituições sociais, como se pode verificar no seguinte trecho:

Ah, como a gente vive, meu filho, para conhecer as pessoas. Posso lhe citar uma verdadeira galeria, exposta ou de passagem pelo Palacete: Mateus, o delegado Mateus, levando dinheiro do Bento para encerrar o caso de Leandro. Dr. Ormeu, comprando por ninharia a fazenda Lagoa Escura, para que pudesse dar um atestado de óbito falso para Nazinha. Padre Gonçalo, recebendo dinheiro para a sua igreja, para que fizesse ‘um daqueles sermões de domingo’, enaltecendo a virtude, ‘o espírito cristão’, da pobre menina. (ASSIS BRASIL, 1969: 35)

Assim, os personagens Bento e Darcy, estabelecidos desde a infância na cidade, se constituíram a partir da educação devido à necessidade de compor os espaços elitizados; em outro aspecto, o personagem urbano Bento se constituía na sua força, na determinação de sua posição e de sua palavra. Como personagem, Bento elucida o perfil do “homem urbano, um lutador que vence seus adversários na concorrência pela vida e cujo sucesso financeiro deriva do seu empenhamento e esforço individual (QUEIROZ, 2008: 20) E a partir de uma hierarquia transfere para o filho Darcy aquele modelo de homem, pautado em valores patriarcais, do homem bem sucedido, empreendedor, casado com uma mulher de família rica, que representa “uma extensão da família e dos momentos áureos” (ASSIS BRASIL, 1969: 24)

No que compete ao trânsito entre cais e cidade, os personagens Jessé, de *Beira rio beira vida*, e Romualdo, de *A filha do Meio-Quilo*, que não são os personagens centrais desses romances, representam bem o homem pobre, ambos trabalhadores do cais. Jessé chegou a Parnaíba “quase nu e era só osso” (ASSIS BRASIL, 1965: 65). Chegou pela mão de um vendedor de arroz em casca. O homem explicou a Cremilda que o pai dele fora comido por um jacaré e a mãe tinha morrido de sezão. Jessé sonhava com uma vida confortável, desejava estudar e crescer economicamente. Era motivo de piada entre os trabalhadores, a escola não era para os ribeirinhos.

Trabalhando para Cremilda entre as barcas que traziam riquezas e inovações, sonhava frequentar a escola e melhorar de vida:

‘Dona Cremilda, eu queria estudar’. ‘Pra que menino?’ ‘Ora, eu queria’. Ela saiu de perto do pilador barulhento, pegou Jessé pela mão, foi bem pro meio do armazém, e gritou pra todo mundo ouvir: ‘Olhem aí, querendo ser doutor, passar por gente rica’.(ASSIS BRASIL, 1965: 39)

Jessé representa o trabalhador explorado da beira do cais que não tinha acesso à escola. No cais, a pobreza; no centro da cidade, o conforto e a educação. Apesar de circular nos dois espaços, estava vinculado ao cais. A personagem central do romance, Luíza, em diálogo com a filha Mundoca, revela as primeiras desilusões de Jessé:

Naquele momento ele soube, Mundoca, que só poderia ser um embarcado ou um canoeiro, quando muito um marinheiro de algum navio-gaiola, ou coisa nenhuma se continuasse naquele armazém de puta, como ele falava. Sei que queria estudar não para abandonar o rio – sua grande paixão – e as embarcações, mas pra conhecer melhor de tudo um pouco. Nunca abandonaria o rio e, quem sabe? Estudando poderia ser até comandante de um gaiola.(ASSIS BRASIL, 1965: 39)

A dimensão do trabalho é evidente quando se observa o cotidiano descrito por Assis Brasil através de seus personagens: Cremilda e Luíza, prostitutas, Jessé embarcado, e Mundoca, empregada em uma loja. Na casa de Cremilda, Jessé comia na cozinha, malcuidado e sujo, mantido distante dos clientes de Cremilda. Luíza descreveu Jessé: “Arriava o prato entre as pernas no chão, fazia um bolo com farinha, ia mastigando calado, até não sobrar nada [...] ia comendo de um por um, com gosto e método”(ASSIS BRASIL, 1965: 23). A rede já estava armada de lado e após a refeição “se levantava satisfeito, cheio de bolinhos de feijão, abria o pote, enchia o caneco, bebia lambuzando o peito, arfava, e se queixava de cansaço como sempre. [...] “Estou cansado de carregar arroz no ombro. Tua mãe não me dá uma folga”(ASSIS BRASIL, 1965: 23-24).

Ali Jessé estava como um escravo cumprindo ordens de Cremilda, a mulher que o criou (ASSIS BRASIL, 1965: 26). Assis Brasil descreve Jessé como jovem de poucas palavras, que depois das primeiras desilusões se entregou ao rio. Retornava ao cais a cada dois anos. O rio fora a saída, nele Jessé se sentia livre, aprendia e vivia situações novas. Jessé nunca falava, nunca tinha uma opinião: “Ele sentia tudo, mais não dizia nada”(ASSIS BRASIL, 1965: 26). Quando questionado por Luíza se ele gostava de Cremilda: “Deu de ombros, foi andando de volta: ‘Não sei. Eu preciso dela, tenho comida todos os dias’”(ASSIS BRASIL, 1965: 26).

O tempo que Jessé ficou no cais foi alimentando sua vontade de ter dinheiro. Tomou algumas iniciativas como vender borboletas para os peixes da pérgola, depois com a reforma da Praça da Graça os peixes de cor não comiam as borboletas brancas, que os moleques caçavam. Jessé teve que mudar de negócio. Pensou em comprar uma tarrafa. À tarde, depois de parado o pilador, tinha tempo para se dedicar à pescaria. Ele “pensou em negociar com outras tantas coisas – preocupação constante. ‘Luíza, que você acha, comprar aquelas marrecas?’”(ASSIS

BRASIL, 1965: 27).

Preparou com carinho no fundo do quintal um ambiente próprio para as marrecas compradas do outro lado do rio. Puxou um pedaço de regato, formado pela água da caldeira do pilador, represou uma parte do terreno. Em pouco tempo, o fundo do quintal ganhou uma nova paisagem, mas temia que Cremilda mandasse acabar com tudo aquilo.

Cremilda criou Jessé, vestiu e deu comida. Ele não tinha nada quando chegou a Parnaíba. As borboletas foram o começo da mania de ganhar dinheiro. Vieram marrecas, porcos engordados com cuim de arroz. Jessé queria deixar aquele armazém sujo, a perseguição da Cremilda, viajaria em um gaiola dourado. E, quando crescesse, iria embora num navio de verdade para bem longe.

Ele ganhou a “mania de querer ficar rico, ser negociante, juntando dinheiro na mão dela, juntando até se enrabichar pelo rio. Não era então mais negociante, era embarcadiço, remeiro, e foi o fim dele”(ASSIS BRASIL, 1965: 29). Jessé é descrito como carinhoso e atencioso para com Luíza. Foi “o primeiro a lhe dar presentes– cordas de peixe, uns bem miudinhos, que serviam mais para brincar do que para comer, espelhos de reclame, os cacos de vidros os mais bonitos. Marreca não dava, porco não dava, custavam dinheiro”(ASSIS BRASIL, 1965: 34).

As transformações no corpo e na vida de Luíza sinalizavam a chegada de Jessé. Luíza estava crescendo, e as roupas que possuía já não cobriam seu corpo, os seios também cresciam. Em meio às transformações, Jessé estava de volta: “Desceu da barca cheio de coisas nas mãos – lhe deu uma corda de peixes e um sorriso[...]. Jessé tinha outros dentes estragados na boca mole”(ASSIS BRASIL, 1965: 33).

Ele notou o vestido da companheira das brincadeiras pelo cais, as pernas finas do lado de fora e “pela primeira vez ela via Jessé na altura de seu ombro: espantou-se, lembrou-se das correrias pela margem do rio”(ASSIS BRASIL, 1965: 33). A segunda vez que voltou, Luíza estava grávida de cinco meses. A cada partida, Jessé dizia a Luíza: “Vou e volto num pulo, Luíza”(ASSIS BRASIL, 1965: 56). No entanto demorava a voltar, chegava sempre em momentos de grandes transformações na vida de Luíza.

Ao passo que mergulhamos na pobreza do cais, na desigualdade social, o autor descortina o corpo feminino, a sexualidade, o amor e o ciúme. Das brincadeiras de infância à partida de Jessé, um sentimento de parceria estava firmado entre ele e Luíza. Depois Jessé “foi voltando, foi voltando e nada. Nada ouvia de Jessé daquilo que [Luíza] esperava ouvir de qualquer homem. Quando descobriu a gravidez de Luíza, aí se transformou”(ASSIS BRASIL, 1965: 56).

Luíza não sabia da vontade de Jessé de voltar a morar em Parnaíba, não no cais como carregador, mas como comerciante. Esses planos foram as últimas palavras de Jessé depois do incêndio na barca em que estava:

‘Vou me estabelecer em Parnaíba, Luíza’. ‘Sim, Jessé’. ‘Vou negociar... deixar o rio’. ‘Sim, Jessé’. ‘Mesmo que seja uma quitanda pra começar’. ‘Sim, Jessé. É bom (Esse rio desgraçado consumidor de gente)’. ‘Depois abro uma loja’. ‘Uma boa loja, Jessé’. ‘Depois... Você fica comigo, não é, Luíza?’. ‘Fico. Fico’.(ASSIS BRASIL, 1965: 83)

Depois das brincadeiras da infância com Luíza na Praça da Graça, Jessé queria retornar ao centro, agora para ir à igreja do Rosário, construída por escravos, frequentada pelos trabalhadores, a classe menos abastada da cidade. Através dos personagens, Assis Brasil delimita alguns espaços que compunham o conjunto de sociabilidades em que estavam mergulhados os trabalhadores do cais. Jessé, já rapaz, precisava de uma roupa nova para ir à missa:

Num dia de domingo, sabe, Mundoca? Ele apareceu vestido, dizendo que ia na missa na igreja do Rosário. Minha mãe olhou o pobre de cima a baixo e perguntou: ‘Onde diabo arranjou dinheiro?’ ‘Fiz um negócio, Dona Cremilda’. ‘Que negócio?’ ‘Vendi um bicho meu e comprei essa calça comprida, eu já sou um homem’. (ASSIS BRASIL, 1965: 100)

Jessé teve que negociar às escondidas para comprar a sua primeira calça comprida, adentrou no armazém com o embrulho escondido, precisava negociar em segredo para evitar que Cremilda tomasse o dinheiro. Quando ela descobriu o negócio, Jessé sofreu a indiferença, comia ainda menos, trabalhava mais. Mesmo sabendo das consequências, ele queria mesmo ir à missa, “botou brilhantina no cabelo, naquele cabelo de espeta-caju” (ASSIS BRASIL, 1965: 100) e seguiu para a igreja do Rosário.

Assim a narrativa de Jessé contribui para revelar o espanto dos parnaibanos que habitavam o centro ao ver de perto o cais, bem como a alegria dele em estar na Praça da Graça com Luíza e frequentar a missa da igreja do Rosário. Representam, também, a impossibilidade de ascensão social. Todas as promessas feitas à filha da prostituta que estava grávida, o sonho de uma vida mais confortável, tudo acabou com a morte de Jessé, revelando que um embarcadouro não seria comerciante e que uma mulher que engravidara fora do casamento não conseguiria matrimônio.

Descrevendo a cena da morte de Jessé, o autor intensifica o trânsito entre o cais e o centro. Descreve a barca que incendiou, um fogareiro sobre as águas. Quando a notícia se espalhou, o cais estava cheio de pessoas que nunca tinham demorado muito na beira do rio; médicos, enfermeiros, soldados de polícia, que aguardavam a barca Piauí, que descia rebocada desde o largo do Igarapu, onde pegou fogo.

Jessé estava enrolado em trapos dentro de uma rede e foi o primeiro a seguir para a Santa Casa. Atingido por um fardo em brasa, não teve como escapar. Com o corpo deformado, com apenas um olho aberto, ele reforçou baixinho as promessas feitas a Luíza e seus sonhos de grandeza: uma loja em Parnaíba, o fim das aventuras no rio, um casamento com Luíza. A barca incendiada, os homens queimados, situações como poucas que atraíam a população do centro ao cais. Formava-se uma procissão pela Rua do Rosário desde a Praça da Graça. Namorados, famílias inteiras indo saciar a curiosidade, incomodados com o ambiente:

Os curiosos mais afoitos repugnaram as cenas, voltaram pela Rua do Rosário, agora achando maçante a subida, horrorizados com a sujeira dos igarapés, com aquele rio barrento cheio de óleo, cheio de cascas de frutas – a catinga, a pequenina ponte gasta, as tábuas frouxas – de novo

em suas vidas calmas, rotineiras, sem novidades, além das novidades dos filhos e da morte na velhice – o cais era para ‘aquela gente’, eles concluíram. (ASSIS BRASIL, 1965: 81-82)

Assis Brasil revela as diversas formas de existência e as diferenças entre os espaços do cais e do centro. Retrata o cais como lugar de intenso movimento e o espaço urbano de “vidas calmas”(ASSIS BRASIL, 1965: 82).A imagem apresentada do cais através da sujeira, da frouxidão das tábuas, revela a imagem que o habitante do centro fazia do povo ribeirinho, “que o cais era pra aquela gente”(ASSIS BRASIL, 1965: 82).

Outro trabalhador do cais enfatizado é o personagem Romualdo do romance *A filha do Meio-Quilo*. Quando ainda morava em Cocal, no barracão das construções da estrada de ferro, ele:

Vinha suado ao meio-dia, o chapéu de palha estragado; repartia o feijão, ‘você ficaram direitinhas?’ Fora sempre assim, não conhecera outra panela ou outro barracão, embora ele tivesse construído estrada em todo o Nordeste. A mãe era apenas uma referência, quando ele queria recordar algumacoisarumim. E elas? Quando crescessem não fariam o mesmo? Aquela vida embrutecia, fazia qualquer um enlouquecer. Talvez por isso aquela viagem, aquela incógnita. Parnaíba estava ali, a cidade sem movimento, dormindo ao sol da lua, quente, sem vento, as duas calçadas largas e aquela porta pintada com um óleo grosso, escuro. (ASSIS BRASIL, 1966: 30)

Romualdo representa muitas famílias que iam para Parnaíba em busca de trabalho. Ao chegar, “só tinha a roupa do corpo”(ASSIS BRASIL, 1966: 30) e as filhas Alzira e Lucília. Foi contratado por Dona Cota para “distribuir água na cidade” (ASSIS BRASIL, 1966: 31).Ela comprou a única frota de burros da cidade que distribuía água e contratou Romualdo, homem de pele roxa e riso engraçado. Em diálogo com Romualdo, afirma:

A cidade não tem água encanada, imagine o senhor que todo mundo aqui sofre de vesícula, a água é puro barro, os filtros entopem, os médicos já até se especializaram em doenças do fígado. (ASSIS BRASIL, 1966: 31)

Romualdo criou afeição por Dona Cota, *aquela senhora sofrida*, talvez não tanto por sua bondade, mas porque ela tratava suas filhas de uma maneira especial. Moravam todos na casa de Cota, onde as meninas tinham seu quarto: “As duas caminhas já preparadas, um guarda-roupa. Era a primeira vez, assim, o chão tão limpo, os tijolos vermelhos, comendo de colher não mais o puro feijão”(ASSIS BRASIL, 1966: 32). A curiosidade despertada pelas primeiras ruas calçadas, os automóveis de para-lamas bonitos, o mercado grande, as praças verdes, como era alta a igreja, do banho num banheiro de cimento, com água limpa, “água fervida, minha filha, para tirar as mazelas do rio”(ASSIS BRASIL, 1966: 30).

Em Parnaíba, a distribuição da água era feita com o uso de jumentos para o transporte, e custava quinhentos réis a carga. Cota comprou a última tropa de burros com a desistência de seu Joaquim, já velho e cansado. Uma oportunidade de pairar acima da cidade, dos orgulhosos que bebiam água barrenta.A cidade se exaltou: “Só a Cota maluca é quem vai vender água”(AS-

SIS BRASIL, 1966: 42).

Houve campanha para um novo fornecedor, mas nenhuma família que se prezava poderia aparecer como dona de uma tropa de burros vendendo água do rio pela cidade. Houve também a campanha do poço; todo mundo abriria poço no fundo dos quintais para não precisar do serviço de Cota. Alguns poços foram abertos, mas a água salobra adoecia ou entediava os gostos finos, e os mais ousados enviavam seus empregados pela Rua do Rosário com uma lata no ombro. Dona Cota recebeu a visita do delegado Mateus:

‘A senhora sabe, Dona Cota, vender água em Parnaíba, em lombo de burro, é quase uma tradição. E por outro lado, não há outro jeito, a cidade não tem **água encanada. Sim, a única solução é abastecer com os burros. Os moradores pedem que a senhora reinicie a distribuição de água**’. ‘**Quais os moradores, Mateus?**’. ‘**Todos de Parnaíba**’. ‘**Eu exijo um abaixo assinado.** [...]Um determinado número, todas reconhecidas em cartório. Acha que estou exagerando, Mateus?’. ‘Não posso dizer nada, dona Cota, alguns merecem o que a senhora está fazendo’.(ASSIS BRASIL, 1966: 42)

Cota se vingava da cidade pelos comentários a seu respeito desde a sua mocidade. A distribuição de água continuou. A cidade queria olhar de perto aquele funcionário que Cota colocou dentro de sua casa. A freguesia de água aumentou, e as moças se enfeitavam: “ele é ainda moço e bem parecido”(ASSIS BRASIL, 1966: 107).

A representação de Cota estava mudando com a cidade. Já era reconhecida pelo abastecimento de água e por seu trabalho para a fundação da igreja São Francisco de Assis. Para as quermesses e leilões as ofertas vinham de longe, de Teresina, Piripiri e Tutoia. A cidade comentava: “Uma viúva de respeito, às voltas com um zé-ninguém. ‘Ela terá coragem de se rebaixar?’”(ASSIS BRASIL, 1965: 43). Mais uma afronta de Cota para com a cidade, pois sua vida mudara com o desaparecimento de Tomás:

Estava mais uma vez precisando de uma direção forte nos negócios e tinha experiência de que um homem, ao lado de uma mulher, sempre impõe mais respeito a ela por parte dos outros [...]. Por isso Romualdo viera.(ASSIS BRASIL, 1966: 44)

Romualdo tinha intimidade com o trabalho. Os rapazes solteiros e maduros de Parnaíba se interessavam por passeios, brincadeiras, atitudes irresponsáveis, e Cota já não era uma mocinha, se eximia dos piqueniques na praia de Amarração. Depois do casamento com Romualdo, ele prosseguiu pelas ruas botando água, o “botador d’água”, sempre com a barba por fazer, roupa frouxa, se diferenciava de Tomás, seu primeiro esposo, sempre tão arrumado. Romualdo vivia na praça às quintas-feiras, na retreta com suas botas altas. Cota queria voltar à praça cada semana, não pelo contato com seu público ou para recordar Tomás, mas sim para recordar cada desfile que empreendera com os incontáveis namorados.

Os romances de Assis Brasil são reveladores de masculinidades plurais, apresenta perfis que diferem da velha imagem masculina de homem forte, com as fugas do personagem Darcy ao destino traçado pelos pais, o personagem Romualdo sob as ordens da sua esposa Cota,

empreendedora que desafiava a cidade e comandava o negócio da família; Jessé com **única** pretensão de estudar e sair do cais. Os personagens que ocupam o cenário da cidade já apontam um caminho de análise de outras masculinidades possíveis, ajudam a compor a compreensão do que era ser homem em Parnaíba e suas múltiplas facetas. Como assevera Cecheto, havia ainda “uma diversidade de estilos ou tipos de masculinidade, cada um deles correspondendo a diferentes inserções dos homens nas áreas da política, da economia e da cultura”. (CECHETO, 2004:56)

Assim, o literato enfatiza diversas formas de ser homem na cidade, desde o centro ao cais, os desmandos dos coronéis, os códigos que delimitavam o tornar-se homem na cidade, a diferença social e o preconceito sofrido pelos moradores do cais e como cada personagem enfrentava. Portanto, apesar de não haver uma masculinidade hegemônica, a sociedade parnaibana dos romances determinava um lugar social para cada cidadão, determinados principalmente por fatores econômicos, a partir disso os personagens convivem com aceitação ou rejeição, determinadas pelo seu comportamento social masculino.

O literato se detém ainda ao homem do campo, através do personagem Inação, protagonista do romance *O Salto do cavalo cobridor*, enfatiza a força, a virilidade, a honra e o comprometimento com o trabalho, códigos do cenário rural dos romances. Representações justificadas a partir das dificuldades do espaço em que vive, que o moldam, e realçam também a distância da modernidade que corrompe o homem. Inação, agregado da fazenda Freicheira da Lama, fiel ao seu patrão, honesto, confiável e obediente. O dono da fazenda, o Dr. Gervásio, casado com Dona Candinha, filha de um deputado.

Caracterizado por sua força, competência, integridade e virilidade, Inação “era quase da altura da casa, o facão de cortar cana trespassado na cintura, bainha com seu nome gravado a fogo, os cabelos claros, os olhos vivos e azuis” (ASSIS BRASIL, 1968: 14). Quando jovem e solteiro, era namorador, “rapaz honesto e trabalhador” (ASSIS BRASIL, 1968: 13).

No romance *O salto do cavalo cobridor* Assis Brasil representa o meio rural, acentuando a masculinidade através das dificuldades:

Passado tanto tempo, [Inação] ainda tinha orgulho daquela casa, construída palmo a palmo, podia bem dizer, pelas suas mãos. A casa antiga, quando o doutor Gervásio comprou a Freicheira da Lama, era uma palhoça de índio, fedorenta e escura, com um puxado de madeira para as cabras. Entulho por toda a parte. E as cobras viviam passeando no terreiro, tomando banho de sol. Tudo sujo e enlameado, e ninguém podia acreditar que perto do Cocal, região alagadiça, pudesse uma fazenda prosperar e ser bem administrada. Ninguém queria nada com aquela terra sem serventia, perdida no oco do mundo. Ali só bicho peçonhento podia viver. Ou gente muito teimosa. (ASSIS BRASIL, 1968: 14)

No trecho acima, fica evidente a natureza áspera, bruta e, por consequência, para dominá-la, Inação se mostrava incansável, viril, másculo, enaltecido em seus atos heroicos. Tal como se definem os *homens rústicos* apresentados na singularidade da sua energia e coragem, com a capacidade de mudar a natureza, aqueles que tudo sabem e de nada se escondem, repetidos em

suas competências de serem donos de si. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003:208)

A construção da masculinidade se dá no contraste com o personagem do Dr. Gervásio. Inação é a representação do homem forte, valente, digno do campo por sua natureza hostil; Dr. Gervásio é o homem urbano representado como manso e frágil, o que o diferencia do personagem Bento do romance *Pacamão*, que sempre impunha sua vontade controlando a todos.

Naquela fazenda no interior do Piauí, região de difícil sobrevivência, Inação não tinha intenção de alcançar status social via educação, mas se mostrava forte e resistente adaptando-se à região. Para além da força, a construção da masculinidade no campo exigia honestidade, inteligência, padrões de comportamento socialmente construídos. A posição de agregado significava uma grande confiança depositada em Inação, bem como a responsabilidade de prestar contas ao patrão da produção da cana, do material gasto na construção e manutenção da casa, bem como de todos os animais. Inação e sua esposa sobreviviam da caça para assim não consumirem a produção e criação da fazenda do Dr. Gervásio:

Por isso ela [Zita] chorava bastante toda vez que doutor Gervásio e Dona Candinha voltavam para Parnaíba, embora sempre a mulher recomendasse: ‘Olha aqui, Zita: não passe necessidade, ouviu? Quando tiver vontade de comer uma galinha, um capadinho, pode matar sem susto, não passe privação, gente, o Gervásio não se incomoda’. Mas Zita sabia que aquele oferecimento todo, era só da boca pra fora, pois o marido de dona Candinha era muito exigente com as contas do Inação. (ASSIS BRASIL, 1968: 19)

Aqui as funções sociais que regem a masculinidade diferem do homem da cidade, que se dava através da posição econômica e política. A relação de gênero está para além do masculino e do feminino, baseada na relação de poder entre Inação e Dr. Gervásio. A referida relação é evidenciada nas demonstrações de coragem e força empreendidas por Inação, enquanto o “doutor Gervásio vinha manso, com seu terno de linho branco, o relógio dourado saindo do colete, a gargalhada de homem de posses – acertava as contas com Inação e voltava para Parnaíba, cevado e de barriga grande” (ASSIS BRASIL, 1968: 17). O personagem Gervásio vivia a masculinidade na cidade a partir de outros códigos, através dele Assis Brasil apresenta o homem manso, bem trajado, sobre esse outro modelo de ser homem, Raspanti assevera ainda que a indumentária fazia parte de uma série de normas e exigências a que os homens, principalmente os da elite, estavam submetidos para serem respeitados pelos que os cercavam. Eram-lhes cobradas a elegância, a educação, a inteligência, a fortuna, a cultura, a oratória, a boa aparência (RASPANTI, 2013:191).

As práticas do homem rural descritas no romance estão associadas à força, à virilidade, se relacionam com a construção do feminino, exercendo a função de protetor, salvador. Assis Brasil evidencia isso quando Inação, para defender sua patroa, Dona Candinha, mata Doca Barroso, que era temido em toda região, assassino de famílias inteiras, conhecido também por não respeitar as mulheres. À época, Dona Candinha era considerada uma mulher atraente, seus “cabelos caíam compridos pelos ombros e tinha uma cinturinha de vespa” (ASSIS BRASIL, 1968: 32).

Doca Barroso, ao se aproximar, deixou Inação vermelho, e a briga se armou como relâmpago quando, ao ver Candinha, Doca Barroso perguntou: “Essa teteia tem dono ou é rapariga do mundo?”. Inação armado com uma peixeira e Doca Barroso com um punhal grande iniciaram uma briga que terminou com a morte do assassino” (ASSIS BRASIL, 1968: 32). Pois “notar a beleza de uma mulher bonita até que era obrigação dos homens”(ASSIS BRASIL, 1968: 32), desde que fosse dentro do devido respeito. A fama de Inação, o matador, percorreu os lugares mais distantes.

No que compete às possibilidades do fazer masculino quanto à defesa da mulher, no âmbito do casamento, se construía um receituário de normatização baseado nas relações de gênero. Essa relação de proteção, além da defesa da personagem Candinha, é percebida quando Inação escolhe Zita como esposa. Uma jovem viúva que sofrera muito no primeiro casamento arranjado pelos pais, “o povo falava que ela nem era honesta, porque era viúva, nem tinha dote, porque o pai era um beberrão de porta de bodega” (ASSIS BRASIL, 1968:13). Esse não era o padrão ideal de mulher para Inação, almejado entre seus pares. Inação, ao ignorar o padrão, exaltava ainda mais sua masculinidade. Quem se casaria com aquela viúva sem dote? a sorte de uma jovem “que parecia não prestar para o casamento”(ASSIS BRASIL,1968:42)

Assis Brasil revela através da personagem Zita outra forma de masculinidade, atrelada à violência. Na união, determinada pelo seu pai, há uma perspectiva financeira representando o poder simbólico que a figura paterna exercia.³ Na noite da festa de casamento com o primeiro marido, a mãe de Zita a aconselhou: “Seja fiel e boazinha para seu marido” (ASSIS BRASIL, 1968: 41),afirmando ter vivido essa experiência e reafirmando que o convívio traria o amor. Embora ela estivesse apavorada, casou-se atendendo ao desejo dos seus pais. Pois “pensava assim: ele vai ser meu marido e eu vou ter que obedecer à vontade dele. Depois eu não vou mais repugnar aquele fumo mascado até de noite e vou gostar dele como disse minha mãe” (ASSIS BRASIL, 1968: 41).

A experiência do casamento para Zita foi um pesadelo.Estava de volta em casa, viúva, “como se não tivesse prestado para o casamento” (ASSIS BRASIL, 1968: 43). No segundo matrimônio, já era viúva e sem dote. Inação justificou que a escolhera por amor, defendendo as qualidades de Zita. Ele não estava preso aos requisitos de honra exigidos de uma donzela. Seria a segurança e o sustento de Zita, o que enaltecia mais a sua masculinidade. A escolha de Inação foi questionada socialmente e, devido à sua posição, os pares lhe atribuíam o direito de desposar uma donzela com um dote que lhe fosse conveniente e que garantiria o sustento dela em sua nova família.

Na conquista de Zita, Inação se revela além de viril, forte, valente e confiável, como um homem alegre e brincalhão, o provedor do lar. Sabia estabelecer normas de relação, como descrevia Zita:

Inação era muito alegre e contava muitos casos junto com o Matias. Voltou várias vezes lá em

3. No patriarcalismo, o homem surgia como o senhor da palavra. A base dessa violência está nas estruturas que defendem o papel do homem como superior no lar e na sociedade. (BOURDIEU, 2007: 20)

casa e foi deixando que eu gostasse dele aos poucos. Meu pai também ia aceitando Inácio como um bom homem, sério quando era preciso ser sério, alegre e brincalhão nas horas certas. (ASSIS BRASIL, 1968: 43)

Depois da alegria da união de Zita e Inação, nasceu o filho do casal. Um menino que morreu ainda bebê. A perda do filho colocou Zita em profunda tristeza. Sua vida se resumia em quatro lembranças: o aniversário de 15 anos, os dois casamentos e a morte do filho. Zita se tornara uma mulher queixosa, triste e rabugenta. Inação estava mais velho, gordo, e passou a acompanhar o seu compadre Matias nas viagens.

Matias era o empreendedor, criativo e “não havia casa na redondeza da Freicheira da Lama que não tivesse um traste vendido por Matias” (ASSIS BRASIL, 1968: 30). Socorria noivas pobres ou ricas, “trazia rendeira e costureira da paragem mais distante – ou bordadeira de máquinas ou bilros” (ASSIS BRASIL, 1968: 30). Matias conhecia muitas pessoas de diferentes ramos, ajudando a população em qualquer situação. Vivia dessas atividades comerciais, era uma espécie de caixeiro-viajante, empreendedor com características de habitante de centro urbano. Na tentativa de legitimar sua masculinidade, destaca-se o desejo de se distanciar do homem rural e de suas virtudes masculinas, como evidencia Assis Brasil:

Matias era o mais conhecido vendedor ambulante da região. Se intitulava de caixeiro-viajante e não relaxava o chapéu-do-chile, a camisa riscadinha, de seda, botões dourados nos punhos. Lá de visita às namoradas conquistadas em todas as estações da estrada de ferro, desde Marruás a Piripiri, passando por Bom Princípio, Cocal, Deserto, Piracuruca, Salto da Pedra, e tinha gente que dava notícia dele em Paulistana e Mafrense. Matias conhecia todo mundo em todos os lugares – se não conhecia já tinha ouvido falar – vendia máquina de costura para um, uma peça de engenho para outro, um vestido rendado para uma filha de fazendeiro, ia fazendo a sua vida, e ainda se gabava que tinha os seus latins. (ASSIS BRASIL, 1968: 27)

Um exímio contador de histórias na roda do bar, nas conversas informais e nas negociações, “caprichava nas conversas onde pudesse mostrar que era um homem que enxergava muito além do seu próprio nariz” (ASSIS BRASIL, 1968: 27). Circulava com facilidade entre os espaços, tinha fregueses nas famílias abastadas de Parnaíba. Vangloriava-se por ter sido convidado para a inauguração do Cassino 24 de Janeiro, espaço de sociabilidade da elite parnaibana. Um incansável empreendedor. Assim legitimava sua masculinidade: “Estava enterrado no sertão por um feito do destino, nada mais” (ASSIS BRASIL, 1968: 27), apesar de imerso nos códigos urbanos de masculinidade.

Com o personagem Matias, Assis Brasil mostra o trânsito entre o espaço urbano e o rural, uma vez que, mesmo habitando o espaço rural, ele se sentia pertencente ao espaço urbano, no qual ele aprendeu o modo de vestir, de negociar, de circular. O autor ressignifica a masculinidade na cidade com o personagem de Inação e o modo como ele se portava na mesa com todos os códigos de civilidade, o reconhecimento e a aceitação coletiva, impondo sua masculinidade dentro do espaço urbano. Apresentava seus feitos e Matias como sua testemunha:

Em Parnaíba Inação tinha que usar guardanapo na mesa dos patrões e compadres – desajeitado, encabulado, mas gostava da inovação, metia uma ponta do pano por cima da gravata de nó exagerado, malfeito – o resto do guardanapo ficava amparado pela barriga enorme, os olhos azuis na cara vermelha. ‘Essas mãos aqui, sabe comadre? Já quebraram muito jacaré no meio’. [...] ‘Credo, Inácio’. Dona Candinha ficava horrorizada, ela era muito fina pra ouvir certas coisas, mas Inação contava a história toda vez nos almoços da cidade. [...] Inação não contava bem a história pra fazer figura, mas porque ficava encabulado quando não tinha assunto pra puxar com os patrões. Tinha que manter a conversa, como gente civilizada. (ASSIS BRASIL, 1968: 34-35)

Na cidade, Inação se despia do facão trespassado na cintura e da camisa suada para vestir uma camisa com gravata, nos moldes da cidade. E “só de uma coisa ele se gabava sem medida: se considerava o melhor agregado de fazenda do Piauí” (ASSIS BRASIL, 1968: 35). Nesse aspecto, sobressai sua masculinidade de homem do campo, respeitado e aceito. Nos almoços da fazenda, ele “gostava de conversar assim com os patrões, como se fosse igual a eles e tivesse as mesmas letras. E caprichava nos ditos e fatos para não parecer um homem atrasado” (ASSIS BRASIL, 1968: 20).

Percebe-se que Inação não sabia ler e é evidente a presente tensão que saía nas inúmeras conversas e no confronto de masculinidades. Na cidade, não estava entre os pares que aclamavam seus feitos, mas esses eram tão heroicos que ganhavam admiração e respeito, revelando os diferentes domínios em cada espaço, e também o tornar-se masculino e suas complexidades.

Na companhia de Matias, Inação experimentava jovialidade. Circulando na cidade de Parnaíba na companhia do exímio namorado, acabou se interessando pela jovem Josefa. Zita, sua esposa, era uma companhia para o trabalho e para as refeições, estava consumida de tristeza depois da morte do filho. Já Josefa tinha “aquela boquinha vermelha como uma pitanga, aqueles olhos pretos como um açaí, as conversas macias sobre as pequenas intimidades” (ASSIS BRASIL, 1968: 56).

O namoro com Josefa se dava na estação do trem ou em alguma festa de paróquia nas localidades vizinhas. Inação descobria um mundo de sociabilidades ao lado de Josefa. Nas festas, “Inação não sabia como sorrir ou acertar o passo, a banda tocando a valsa, os pezinhos de Josefa debaixo dos seus sapatões disformes” (ASSIS BRASIL, 1968: 44). Ele estava encantado com Josefa que além “de bonita tinha predicado de moça de salão” (ASSIS BRASIL, 1968: 59). Sabia que não poderia oferecer mais que aqueles encontros. Era esposo de Zita e não tinha pretensão de deixar sua função de agregado da Freicheira da Lama, temendo o julgamento dos patrões, aquela “gente rica da cidade [...] cheia de virtude” (ASSIS BRASIL, 1968: 65).

A cigana Sulima foi outro amor de Inação. Os ciganos montaram seu acampamento na Freicheira da Lama e aquela bela mulher passou a seguir Inação e pedir coisas na porta de sua casa, oportunidade em que Sulima “olhou bem para Zita e sentiu que ela não era mais a mulher de Inação. Era um ente acabado e sem interesse” (ASSIS BRASIL, 1968: 73). Inação estava encantado com aquela mulher selvagem e sensual que passeava na mata tentando atraí-lo.

Passaram a se encontrar na mata, pois a cigana era casada com o filho do chefe do bando. Inação passou a dormir na varanda de casa. Na madrugada, esperava ansioso o sinal de Sulima e passava os dias e as noites “pensando nela, no seu jeito de se entregar aos poucos, como um bicho no mato em tempo de cio” (ASSIS BRASIL, 1968: 75). Toda a fazenda soube do caso dos dois. Zita estava cada vez mais presa à cozinha, enquanto Inação era o cavalo cobridor da fazenda, perseguindo as peças de roupa que Sulima ia deixando pela mata. Ele “se sentia um homem conquistador, mais conhecedor de mulher do que o compadre Matias” (ASSIS BRASIL, 1968: 82).

Certa noite, na mesma pedra onde Sulima esperava por Inação completamente nua, estava um cigano a sua espera e todo o entorno estava cercado. Em uma luta limpa, um cigano por vez, Inação matou dois e o terceiro o feriu no peito. Naquele momento lembrou dos inúmeros alertas e conselho de Matias, de que “bem podia namorar com Josefa que era uma boa moça, não com um traste de cigana, uma rapariga interesseira, ladrona de cavalo” (ASSIS BRASIL, 1968: 89).

Os ciganos acusavam Inação de ter abusado de Sulima. Ele não tinha a mesma vitalidade e força do tempo em que brigara contra Doca Barroso. Agora temia e sentia a morte. Matias foi a primeira pessoa a encontrar Inação mutilado e ensanguentado na beira do olho d’água sem as botinas de couro. Seu corpo tinha marca de facas. Zita recebeu o corpo do esposo e:

Limpou o rosto – uma orelha cortada – os cabelos sujos de areia, aqueles olhos de alemão entreabertos – e Zita se lembrou que havia muito tempo não acariciava o seu homem daquele jeito, e teve ímpeto de chorar – depois se lembrou da cigana, da sem-vergonhice dos dois nas margens do olho d’água, e passou a arrumar o corpo de Inação quase como se fosse um desconhecido. (ASSIS BRASIL, 1968: 93)

O amor proibido de Inação o conduziu à morte. O homem dignificado e honrado, “esta[va] de paixão ferrada” (ASSIS BRASIL, 1968: 99) por uma cigana. No entanto o fato não desconstruiu a imagem consolidada de homem honesto e trabalhador. Inação apenas passou a ser tratado como vítima.

Assim, é possível observar que, em sua tetralogia piauiense, Assis Brasil enfatiza o viver de homens e mulheres parnaibanos, bem como tece representações sobre cada um a partir do lugar que ocupam na cidade. Os romances expressam as contradições da modernização, como cada sujeito absorveu as novidades, as sociabilidades civilizadas e o trabalho. Os personagens femininos e masculinos codificam o viver em Parnaíba como uma (re)leitura da época.

Considerações finais

Analisar os romances *Beira rio beira vida* (1965), *A filha do Meio-Quilo* (1966), *O salto do cavalo cobridor* (1968) e *Pacamão* (1969) é mergulhar em práticas masculinas. Escritos na década de 1960, representam Parnaíba das décadas de 1930 e 1940.

Em *Beira rio beira vida* (1965) a história se passa no cais, é contada pela prostituta Luíza, a personagem descreve as brincadeiras, quando criança, com o companheiro de infância, o

embarcação Jessé, e o desejo dele de ascender socialmente. Apresenta os moradores e trabalhadores do cais, canoieiros, embarcações, estivadores, prostitutas.

Em *A filha do Meio-Quilo* (1966) a personagem principal é Cota. Sua família tem uma barraca de frutas e verduras e gêneros alimentícios no mercado. Com a personagem Cota e seu marido Romualdo, Assis Brasil apresenta os preconceitos da cidade com a mulher e o homem pobre.

Em *O salto do cavalo cobridor*, os personagens Zita e Inação são apresentados, junto com suas descobertas das coisas boas e ruins, com uma abordagem das relações e sentimentos humanos muito realista. No romance *Pacamão*, o funcionário Gervásio conduz a narrativa, que também não é linear. Inicia com Gervásio (Pacamão) já velho narrando as histórias da família Mavignier. Os romances constituem a expressão de mundo dos personagens, sua sensibilidade, seu cotidiano, cada personagem que surge narra o “que pra si mesmo se converte em drama” (ASSIS BRASIL, 1992: 18).

Os romances abordam as diferentes formas vivenciadas de masculinidade em Parnaíba e representam a pluralidade do ser homem na cidade. Sobre a atuação dos homens no espaço da cidade, verificou-se que os de famílias abastadas codificaram uma masculinidade plural, ligada a vida pública. Ora o modelo do homem bem trajado, com roupas sociais, elegância à inglesa, sem muitas cores e acessórios, educados, e bom em oratória caracterizam essa masculinidade. Ora o homem temido por todos, que dominava instituições e que não era conhecido por ser educado ou vestir-se à inglesa.

Os homens pobres não tiveram existência anulada, ao contrário, existiram como sujeitos capazes de resistir ao trabalho árduo, compondo uma polifonia marcada pela sobrevivência na cidade e no campo e as diversas formas de exercê-la. Ao passo que também codificavam outras masculinidades, pautadas na força e na honra, dadas a ver em formas mais rudes. O campo representava um espaço da cidade onde a masculinidade apresentava outros significados, pautada na força, resistência, honra, um vestuário simples, uma faca na cintura e um chapéu, as formas de trabalho ligadas à terra, aos bichos, à construção, à plantação e à exportação.

Os ditames de comportamento social entre a cidade e o campo divergiam e dialogavam, ao passo que homens do campo negociavam e prestavam contas das suas atividades na cidade, homens do centro dirigiam fazendas no campo. Portanto, em ambos os espaços a conduta masculina era regida por padrões socialmente estabelecidos. Todos os ofícios delineiam masculinidades diferentes.

Os romances no que concerne às práticas masculinas, apresentam também uma crítica à sociedade abastada de Parnaíba. O deslocamento do campo para a cidade, o homem do campo e o homem do centro e do cais, práticas de masculinidades que divergem. O romance *Pacamão* evidencia comportamentos que destoam ao esperado na cidade de Parnaíba para homens e mulheres, como a gravidez de Naizinha fora da instituição casamento, de um rapaz de origem humilde. Para além desses personagens, em todos os romances, surgem outros personagens destoantes. Um viés válido que apresenta os liames da vida feminina e masculina, o negado e o permitido levado ao extremo.

O personagem Darcy Mavignier, do romance *Pacamão*, descrito como um jovem que frequentava cabarés do cais, acompanhado das prostitutas e sempre com uma garrafa de bebida um incômodo pra cidade e para a família. A família Mavignier do romance, uma família em decadência financeira que proíbe a filha Naizinha de casar-se com um rapaz pobre e ordena o assassinato dele, tranca a jovem em uma casa, onde ela desfalece e morre por ter engravidado.

Assim os romances “nos levam a pensar o significado das masculinidades, negando qualquer busca por essência” (RAGO, 1998:94) Identifica-se que na produção e valorização de determinados estilos de masculinidades e sua relação com outros o fator principal é o lugar social. Entende-se que as masculinidades são relacionais, influenciadas ainda pelas relações de poder, relações de produção e as relações emocionais (SEIXAS, 2012:52).

. Assis Brasil não apresenta uma masculinidade hegemônica, mas sim uma dinâmica, personagens que se relacionam mediante processos de subjetivação, as especificidades e diferenças entre os homens e suas vivências. Essa é sua maior contribuição, possibilita um olhar sobre as relações e não apenas de dominação ou uma forma única, fechada e hegemônica.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino* (Nordeste 1920/1940). Maceió: Catavento, 2003.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Beira rio beira vida*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *A filha do Meio-Quilo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *O salto do cavalo cobridor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Pacamão*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1969.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Joyce e Faulkner: o romance da vanguarda*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ASSIS BRASIL [Francisco de Assis Almeida Brasil]. *Tetralogia piauiense*. Teresina: FUNDAP, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e Masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

CECHETO, Fátima Regina. *Violência de estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MACHADO, Vanderlei. *Entre Apolo e Donísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930)*. 2007. 302f. Tese. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002.

PESAVENTO, S. J. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

QUEIROZ, Teresinha. História e Literatura. In: _____. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006, p. 81-94.

_____. Prefácio: Sobre os gêneros do desejo. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e Masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008, p. 7-34.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 8998, 1998.

RASPANTI, Márcia Pinna. O que “eles” vestem: moda, vaidade e masculinidades no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013

SANTOS, Cineas. Conversa. In: CAMINHA, Edmilson; MOURA, Francisco Miguel de (Org.). *Assis Brasil: conversa de escritor*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1989.

SEIXAS, Rebeca Bruno da Silva. *Seja Homem!: construção de masculinidade na revista Men's Health Brasil*. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2012. p. 52.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed, São paulo: Companhia das Letras, 2003

SOUZA, Priscila de Moura. *Assis Brasil entre a história e a ficção: transformações urbanas, sociabilidades de gênero e representações de Parnaíba nas décadas de 1930 e 1940*. 2018. 201 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

Submetido em: 22/09/2020

Aprovado em: 25/11/2020